

## Otávio Augusto Alves dos Santos

Graduado em Geografia, mestre e doutor em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, professor adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na área de Geografia  
otavio.augusto@ufrpe.br

---

# Da incorporação dos banhos salgados de mar à balnearização das praias do Recife: um “período denso” na produção do espaço praiano

### Resumo

Segundo o geógrafo Pedro de Almeida Vasconcelos, os períodos densos correspondem a momentos de grande intensidade, em que ocorrem acontecimentos transformadores para uma cidade ou um espaço qualquer. A tese defendida neste artigo é a de que o intervalo entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, marcada, entre outras coisas, pela introdução do hábito social dos banhos salgados de mar e a consequente “balnearização” das praias, constitui um período denso para a produção do espaço praiano do Recife.

**Palavras-chave:** Período denso, Espaço praiano, Recife.

### Abstract

SINCE THE INCORPORATION OF SEA SALTED BATHS TO THE SEASIDE URBANIZATION IN RECIFE: A “DENSE PERIOD” IN BEACH SPACE PRODUCTION

According to geographer Pedro de Almeida Vasconcelos, the dense periods correspond to moments of too much intensity, which occur transformative events for a city or any space. The thesis defended in this article is that the interval between the second half of the nineteenth century and the first half of the twentieth century, marked, among other things, by the introduction of the social habit of salty sea

baths and the consequent seaside urbanization, constitutes a dense period for the Recife beach space production.

**Key-words:** Dense period, Beach space, Recife.

## 1. Introdução

O espaço praiano é resultado de diferentes e conflituosas práticas sociais acumuladas através dos tempos, muitas das quais surgidas mediante absorção de comportamentos e estilos de vida advindos da moderna ocidentalidade, ensejando movimentos de “apropriação”, “valorização” e “consumo” desiguais do espaço. Na realidade europeia, segundo Corbin (1989), a invenção e a apropriação das praias, bem como a consolidação de seus usos modernos se deram entre os séculos XVII e XIX, mediante reconstrução da imagem repulsiva que se tinha deste ambiente, o que foi sucedido por sua “balnearização”. No Brasil, contudo, essa apropriação se deu, sobretudo, no final do século XIX, quando as elites locais se voltaram para o mar, no arco do processo de incorporação do que Dantas (2004, 2009) chamou de “práticas marítimas modernas” (banhos terapêuticos, vilegiatura etc.), colonizando um ambiente antes destinado apenas para as “práticas marítimas tradicionais” (pesca, defesa e atividade portuária).

A apropriação inicial, assim como os posteriores processos de valorização e consumo desses espaços ocorreram, na maioria dos casos, vencendo-se as inércias representadas pelas populações e estilos de vida preexistentes, com a implementação de equipamentos balneários e infraestruturas que permitiram o usufruto das classes mais abastadas, mas também das classes populares. A produção do espaço praiano pode ser subdividida em diferentes momentos, alguns dos quais mais intensos e outros mais estáveis. Neste trabalho, daremos ênfase ao período que se estende entre a metade do século XIX e primeira metade do século XX, especialmente entre os anos 1840 e 1950, cujas características e importância para o espaço praiano nos permitem dizer que se trata do que Vasconcelos (1999) chamou de “período denso”.

Antes de iniciarmos, contudo, faz-se necessário esclarecer a preferência pelo termo “espaço praiano” em vez de “espaço litorâneo” ou

qualquer outro relativo, tais como “orla” ou “zona costeira”. Trata-se de uma tentativa de aprimorar terminologicamente o objeto de nossas investigações, tendo em vista o uso, a nosso ver equivocado e polissêmico, de alguns destes termos no âmbito da produção do conhecimento geográfico.

O termo litoral diz respeito a um recorte muito mais amplo do território, notadamente maior que aquele resultante dos processos que pretendemos esclarecer aqui. Segundo o dicionário Houaiss<sup>1</sup> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2015), o litoral corresponde a “faixa de terra à beira-mar”, ou uma “costa”, já o dicionário geológico-geomorfológico (GUERRA, 1993) o define como “faixa de terra emersa”, sendo muito mais que a linha de contato entre a terra e as águas oceânicas, uma vez que engloba os diferentes tipos de contorno do relevo, desde as praias, até as falésias, arrecifes, deltas, fiordes etc. Isso também serve para “zona costeira”, que tem o mesmo significado que litoral, segundo Guerra (1993). Este último termo tem um significado mais pragmático que interpretativo, pois tem sido tradicionalmente utilizado nas atividades práticas de gerenciamento ecológico e social dos ambientes litorâneos. Apesar de muitas vezes apresentá-lo como um conceito na compreensão de diferentes dinâmicas de valoração e valorização dos litorais brasileiros, Moraes (2007) também o empregou com vistas a oferecer subsídios críticos para a gestão.

Enquanto litoral e costa são amplos demais, o termo orla é muito específico. Ele possui diversos significados, desde “beirada”, “beira” e “margem” de algum objeto de vestuário ou decoração, até “faixa de terra estreita e longa” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2015). Mas, é geralmente empregado para designar tanto margens de rios e lagos, como de mares e oceanos. Isto é, ele se refere aos trechos dessas margens que possuem equipamentos para o passeio, o usufruto recreativo e o turismo. Não por acaso, os inúmeros “projetos orla” implementados pelas gestões municipais e estaduais de diversas cidades litorâneas brasileiras tinham por objetivo dotar o espaço (em sua maioria praiano) de equipamentos e serviços para as supracitadas finalidades, muitas vezes ocasionando o encarecimento dos bairros adjacentes.

É por isso que preferimos o termo “praiano”, uma vez que o espaço objeto de nossas reflexões é aquele produzido a partir de processos de apropriação, valorização e consumo realizados ao redor das praias, ou tendo elas

como principal vetor. Segundo o Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2015), o termo “praiano” diz respeito àquilo que é “próprio da praia”, que está “situado em praia, localizado à beira-mar”. Estamos falando, portanto, de parcelas morfológicamente específicas do litoral, onde há “faixa de terra de areia ou cascalho” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2015) ou “depósitos de areias acumuladas pelos agentes de transportes fluviais ou marinhos” (GUERRA, 1993), que se tornaram objeto de apropriação e do referido processo de valorização no final dos oitocentos e início dos novecentos, levando à constituição de inúmeros problemas sociais e ambientais, muitos dos quais objeto de estudos e intervenções do planejamento urbano.

## **2. Os “períodos densos”**

Segundo Vasconcelos (1999), na pesquisa em Geografia histórica é importante demarcar os momentos em que predominam as questões do cotidiano e aqueles que preparam grandes transformações, isto é, distinguir entre os momentos nos quais prevalece a rotina e a estabilidade e aqueles marcados pelos grandes acontecimentos. Para o autor, os “períodos densos” “representam momentos de grande intensidade, de importantes transformações que extrapolam o cotidiano” [sic] (Ibidem, p. 191). Eles não equivalem aos períodos de “ruptura”, embora muitas vezes os antecedam ou os sucedam. Devido à sua importância, geralmente há uma grande quantidade de documentos oficiais e arquivos que os caracterizam. Diferente, portanto, dos “hiatos temporais”, dos quais muitas vezes não há qualquer vestígio.

Observando o caso de Salvador, Vasconcelos (1999) exemplifica um período denso através da invasão holandesa, entre 1624 e 1625. Sem dúvida tratou-se de um período importante para a história da cidade, pois a partir dos acontecimentos nele inscritos é que uma série de modificações espaciais se concretizaram e inúmeros registros históricos e cartográficos hoje os testemunham. O mesmo se pode dizer em relação ao Recife durante este período, cidade cuja ocupação holandesa foi ainda mais marcante. Outro período denso citado por Vasconcelos para o caso de Salvador foi aquele que se constituiu a partir de 1850, tendo em vista as mudanças sociais,

políticas e fundiárias ocorridas. Acreditamos, porém, que a segunda metade dos oitocentos é um período denso para qualquer grande cidade situada no que hoje conhecemos por território brasileiro, tendo em vista que as mudanças ocorridas, além de muito bem documentadas, são quase todas de larga escala, de abrangência nacional.

O foco desse trabalho não é a geografia histórica de toda a cidade do Recife, mas apenas de seu espaço praiano. Isso significa atentar para um detalhe importante: em alguns casos, o que significa um período denso para toda a cidade, não significa o mesmo para algumas de suas porções ou alguns de seus bairros. O período de invasão holandesa significou absolutamente nada para a região das praias onde hoje se situa os bairros de Boa Viagem e Pina, por exemplo, simplesmente porque essa região foi ocupada somente a partir do início do século XX. Da mesma forma, o momento da construção do Hotel Boa Viagem, que representou um marco para o processo de modernização e verticalização do espaço praiano recifense, significou muito pouco para o crescimento, a modernização e a verticalização de toda a cidade. Assim, acreditamos que a consideração de períodos densos depende da escala utilizada na pesquisa.

Por fim, a ideia de identificar períodos densos é interessante e se inscreve dentro da necessidade de se elaborar periodizações nos estudos de processos espaço-temporais. Santos e Silveira (2016, p. 24) afirmavam que “períodos são pedaços de tempo definidos por características que interagem e asseguram o movimento do todo”. Na sua visão, as periodizações, cujos critérios eram apenas econômicos ou sociais, geralmente recaem em algum tipo de superficialidade, pois não levavam em consideração a materialidade e os dinamismos do espaço. Por isso sua ênfase na técnica, pois a tendo como critério é que se poderia perceber as superposições e coexistências entre diferentes formas de transformar a natureza, compreendendo assim o movimento da totalidade. Identificar períodos densos, neste sentido, ajuda-nos a agrupar os acontecimentos mais determinantes no conjunto do qual a totalidade se movimenta.

### **3. Incorporação dos banhos salgados de mar no final dos oitocentos**

A tese que defendemos é a de que o intervalo entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, marcada, entre outras coisas, pela introdução do hábito social dos banhos salgados de mar e a consequente balnearização das praias, constitui um período denso para a produção do espaço praiano do Recife. Tratava-se de um período de grandes mudanças nas sociedades modernas ocidentais, em função do surgimento de novos hábitos sociais. E, segundo Vasconcelos (1999, p. 194), os períodos densos também ocorrem mediante “o aparecimento de novas ideias e ideologias, que podem modificar as maneiras de pensar e transformar os valores da sociedade urbana”.

O mundo estava em ebulição desde o início do século XIX, em função das transformações econômicas e técnicas decorrentes do progresso da industrialização capitalista e das mudanças político-sociais advindas das Revoluções francesa e americana. Em 1848, vivia-se uma forte crise do processo de acumulação do capital e a irrupção de revoluções na França e na Alemanha. No Brasil, aportavam ideias liberais que prepararam o terreno para inúmeras revoltas contra o Império. No Recife, a Confederação do Equador, de 1824, e a Revolta praieira, de 1848, marcaram fortemente a trajetória da cidade, tornando-a centro cosmopolita e difusor de ideias advindas da Europa.

O contato direto com a metrópole portuguesa desde o período colonial, e depois com os ingleses e franceses no Império e na Primeira República, fez da cidade do Recife um centro da circulação atlântica de valores, gostos e hábitos sociais. Não se tratava de um lugar para onde simplesmente se transplantavam modelos, mas onde se vivenciavam diferencialmente as transformações que ocorriam no globo. Assim como no mundo europeu, essas mudanças ensejaram processos de valorização e consumo do espaço, mediante a criação de novos equipamentos urbanos e serviços, muitos dos quais surgidos para possibilitar novas formas de sociabilidade urbana, tais como os teatros, as casas noturnas, as associações recreativas, os clubes, cafés etc. (ARAÚJO, 2013). A invenção das praias e a incorporação das práticas marítimas modernas, tais como o hábito social dos banhos de mar,

são só algumas entre várias mudanças que se inscrevem nesse contexto. Também elas motivaram o surgimento de novas formas espaciais destinadas ao usufruto balneário do mar e das praias.

Cabe esclarecer que os banhos de mar (ou mesmo de rio) sempre se constituíram em um hábito fortemente cultuado entre as populações originárias, os caboclos e os negros no Recife. Freyre (2006), por exemplo, afirma que nunca houve qualquer formalidade ou liturgia para os banhos por parte desses grupos sociais, que sempre usufruíram dos corpos d'água da cidade para o trabalho, o transporte e o lazer. Assim, é apenas entre as classes mais abastadas e brancas, fiéis imitadoras dos costumes europeus, que os banhos, primeiro os de rio e depois os de mar, tornaram-se uma novidade e um hábito, para o qual deveriam ser atendidos uma série de requisitos de conhecimentos e infraestruturas.

A incorporação dos banhos se dá inicialmente como estratégia social de “fuga da cidade” para se ver livre das epidemias que frequentemente a assolavam. Para tanto, o saber médico da época recomendava não apenas esse afastamento, mas também o método profilático dos banhos de rio (ARAÚJO, 2007b). Em meados do século XIX, a cidade do Recife limitava-se ao que hoje se conhece por centro expandido, sendo constituída pelos distritos do Recife, Santo Antônio e Boa Vista (figura 1). A região oeste, chamada “Várzea do Capibaribe”, foi tomada pelo aparecimento de subúrbios “ganglionares”, surgidos ao longo dos antigos engenhos, os quais foram retalhados em loteamentos (MELLO, 1992). Poço da Panela, Monteiro e Caxangá eram os lugares onde a população endinheirada se estabelecia sazonalmente, interessada nas “festas de campo” e nas virtudes curativas dos banhos de rio, mas também nos deleites endêmicos do ambiente campestre.

**Figura 1**  
PLANTA DA CIDADE DO RECIFE. OLINDA E SEUS ARRABALDES, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX



Fonte: Acervo Biblioteca digital Luso-brasileira/Acervo Biblioteca Nacional Digital; Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart543231/cart543231.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart543231/cart543231.jpg); Acesso em: 20 de nov. de 2019.

Essa procura pelos banhos de rio no Recife em meados dos oitocentos, no nosso entender, constitui um primeiro e mais elementar processo de balnearização de ambientes com presença de corpos d'água. Tratou-se, contudo, de um movimento muito elementar, pois, embora a fuga sazonal para o interior e a paulatina ocupação da Várzea do Capibaribe correspondam a um movimento que remonta o século XVIII, a instalação de equipamentos e serviços destinados ao usufruto balneário nesses lugares se deu somente no século XIX e não durou mais que cinquenta anos. Os fatores da brevidade da hegemonia deste hábito têm a ver com o que Mello (1992) e também Araújo (2007b) chamaram de "democratização do subúrbio".

Junto ao processo de ocupação dos arrabaldes e antigos engenhos, a segunda metade dos oitocentos também é marcada pelo crescimento da cidade, que se expandia por toda a planície, dando origem a bairros como Madalena, Caxangá e Várzea. Tal expansão também se deveu à evolução

das atividades comerciais proporcionadas pelo porto e ao conjunto de melhoramentos urbanos realizados na época (BERNARDES, 1996). De um lado, a construção cada vez maior de residências foi provocando o adensamento populacional das várzeas, que foi progressivamente solapando a paisagem verde, amena e sem ruídos que havia chamado a atenção dos primeiros habitantes. De outro lado, a população negra e mestiça, livre das relações de escravidão, embora fortemente marginalizada, não possuía alternativa de moradia que não fosse a ocupação dessas mesmas planícies e várzeas, fazendo o espaço da cidade se tornar, desde já, “descontinuamente segmentado” (SANTOS, 2019).

Com os subúrbios perdendo seu atrativo, o mar ganhou destaque. Só então é que os banhos salgados foram paulatinamente incorporados pelas elites recifenses e olindenses. Essa introdução já estava avançada em diversas cidades brasileiras, tais como o Rio de Janeiro, conforme demonstram Chrysostomo (2019) e Huerta (2019). Quando de sua estadia no Rio de Janeiro, a família real foi uma das pioneiras na introdução desses banhos, seguindo prescrições médicas da Real Câmara. A chegada do pensamento médico-higienista na metade dos oitocentos, mediante a criação de inúmeras juntas e organizações médicas, deu conjuntamente o peso científico para tais recomendações, seguindo descobertas e tratamentos elaborados na Europa. No Recife, houve uma resistência inicial das elites locais à introdução do hábito, que aparentemente se deveu à preferência pelo ambiente bucólico e campestre do interior e dos antigos subúrbios. Ela só foi superada depois da popularização dos conhecimentos relativos aos benefícios terapêuticos e da chancela das autoridades médicas locais.

Mas o que primeiramente desafiou a falta de interesse pelo mar foram as “Casas de Banho”, que encabeçaram o processo de balnearização ao redor das praias do Recife e de Olinda, conforme se verá adiante. A primeira delas, contudo, chamada “Barca de Banhos” flutuante, não se localizava nas praias, mas na foz conjunta dos rios Capibaribe e Beberibe, região central do Recife. Construída ainda na primeira metade do século XIX por um empreendedor inglês chamado José da Maya, a Barca de Banhos seguia tendência já verificada em muitas cidades europeias, especialmente na França e na Inglaterra, de usufruto balneário dos rios (ARAÚJO, 2007a). Mas o empreendimento não obteve êxito, tendo em vista que as elites

locais resistiam ao pagamento de serviço, acostumadas que estavam com a mão-de-obra escrava.

A lenta substituição dos banhos de rio pelos de mar representou uma mudança muito mais de lugar, que de paradigma, pois não foi automática e porque resguardou muito dos valores sociais cultivados até então, tais como a fuga periódica da cidade e o contato com as águas. Neste sentido, Araújo (2007b, p. 3) afirma que

[...] havia uma experiência social acumulada, décadas de história de uma determinada forma de convívio social com as águas dos rios, em campos abertos e ao ar livre, que não pode ser negligenciada. Havia uma memória coletiva consolidada em torno dos banhos e recreios à beira rio e uma percepção do que eles representavam para a sociedade que, sempre que preciso, foram chamadas pelos contemporâneos para dar sentido e abrangência histórica ao processo de inovação cultural a que se assistia, com a introdução dos usos dos banhos salgados [...] (ARAÚJO, 2006, p.3).

Dois fatores, portanto, estão na raiz da incorporação definitiva dos banhos salgados de mar pelas elites recifenses, quais sejam: a moda e os tratamentos de saúde. O último foi ainda mais determinante. Embora malquistos inicialmente, tais banhos popularizaram-se fortemente depois de chancelados pelas autoridades locais, especialmente pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, criada em 1841. Em 1842, nos *Annaes da Medicina Pernambucana* (1842, p. 73), comentando alguns dos tratamentos da Hidrocele, os médicos desta sociedade afirmavam:

Muito proveitoso seria que os habitantes deste paiz fizessem frequente uso dos banhos frios, e em particular dos de mar, durante a estação do verão. Aqui na Cidade fácil é tomar esses banhos pela proximidade do mar, e por meio deiles talvez se diminuíssem muitas das moléstias horrorosas, que tão frequentes são aqui. Se esta Sociedade entender que isto será de proveito publico, ficaremos na obrigação de aconselhar esses meios [sic].

Até 1844, em suas seis edições, os *Annaes* descreviam fatores ligados ao surgimento de inúmeras doenças e as formas de as tratar, sempre de maneira prescritiva e fortemente ligada às ideias higienistas. Sua atuação foi, sem sombra de dúvidas, imprescindível para a incorporação dos banhos salgados, assim como a assimilação dos conhecimentos médicos e a difusão de manuais de medicina e de terapias franceses (HUERTA, 2019). Contudo, aquele que mais se popularizou foi o *Dicionário de medicina popular*, publicado originalmente entre 1842 e 1843, pelo médico e acadêmico polonês de formação francesa, Pedro Luiz Napoleão Chernoviz.

Nessa publicação de grande circulação no Brasil e em Portugal, Chernoviz (1890, p. 75) afirmava que as águas salinas “[...] são recommendadas nas paralyrias, mesmo n’aquellas que são consecutivas á apoplexia, nos dartos, nas contracções musculares, nos rheumatismos chronicos, e em muitas moléstias caracterizadas pela debilidade geral [sic]”. A lista de enfermidades para as quais os banhos salgados de mar correspondiam a um tratamento era enorme, a maior parte delas era descrita com seus fatores e possíveis tratamentos. Muitas vezes, eram aconselhados banhos frios juntamente com a prática de exercícios físicos. Dizia ele que:

Os banhos do mar podem ser applicados no tratamento de diversas moléstias que são caracterizadas pela fraqueza; convém principalmente nas moléstias escrophulosas, nas flores brancas, e differentes affecções nervosas. Concebe-se, portanto, o effeito que devem produzir os banhos frios, em uma agua sobrecarregada de princípios excitantes, acompanhados do exercicio salutar que se faz nadando, ou pelas emborçações produzidas pelo movimento contínuo das ondas [sic] (Ibidem, p. 289).

Conforme esclarece Guimarães (2005), os manuais escritos por Chernoviz foram cruciais para a difusão de conhecimentos científicos e sua popularização para o público leigo, tendo suas práticas recomendadas pelas instituições médicas oficiais e pelos profissionais da área. Em uma cidade que, segundo levantamento feito por Parahym (1978), somente na segunda metade dos oitocentos, havia sido acometida por epidemias de febre amarela (1850), cólera (1856), tuberculose (1870) e gripe (1890), tais conhecimentos e recomendações médicas se disseminaram sobremaneira, ajudando a consolidar o hábito social dos banhos de mar.

#### **4. “Balnearização” das praias do Recife e produção do espaço praiano**

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol se levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever [...] E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas e trazia um pouco de mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele (LISPECTOR, 1984, p. 250-251).

As impressões de Clarice Lispector sobre os banhos salgados em Olinda já são parte do que se defrontava Gilberto Freyre (2007) em seu “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife”, originalmente publicado em 1934. Como bem descreve, já era notável a consolidação dos banhos salgados e o triunfo marítimo como destino da população recifense na sua busca de saúde e lazer:

Infelizmente as águas de rio são hoje no Recife – célebre outrora pelos seus banhos de Caxangá e de Apipucos – águas sujas. O banho bom, higiênico e lúdico – outrora um dos regalos de Beberibe – é, no Recife atual, o de mar. Sobre tudo na Boa Viagem (Ibidem, 2007, p. 78).

E o autor continua afirmando que “o recifense foi sempre um grande camarada da água”. Contudo, o rio não tinha mais o “prestígio de outrora”. Em sua época, “chique” já era o banho de mar em Olinda e Boa Viagem. Este último já se caracterizava pelos seus palacetes e pela frequência dos mais ricos. E o Pina, afirmava o autor, era mais popular, destacando o caráter democrático do lazer praieiro. Por fim, propagandeava o banho de mar como:

[...] um dos maiores regalos que o Recife oferece a adventícios tanto quanto a nativos. Uma das experiências mais recifenses que um adventício pode ter do Recife: um mar de água morna, um sol que em pouco tempo amarela o corpo do europeu ou do brasileiro do Sul [...]

A sensação é a de um banho mágico, encantado; não um simples banho preparado por uma mucama misteriosa para o seu ioiô ou para sua iaiá mas por moura de história fantástica para o seu predileto; e esse predileto é todo indivíduo que entre no mar naquelas piscinas. É o pobre, é o rico, é o nativo, é o turista (Ibidem, 2007, p. 80).

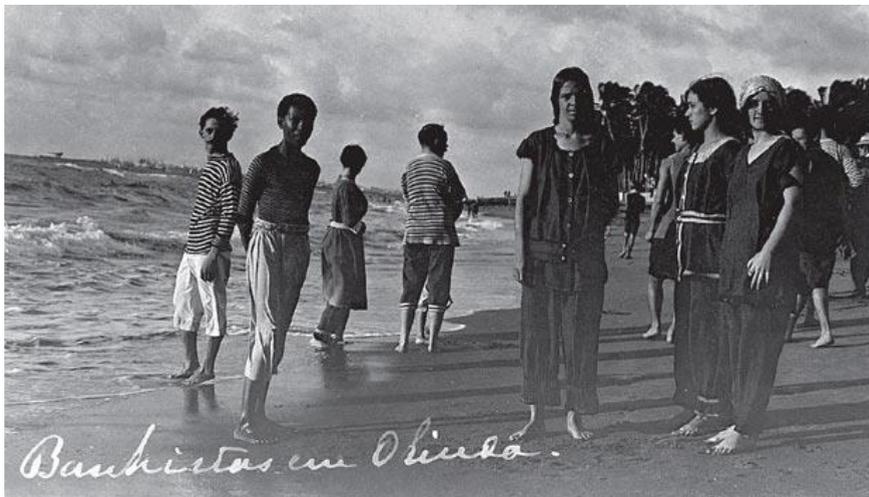
Mas foi ainda no início do século XX, conforme esclarece Araújo (2013, p. 6) que

[...] os usos predominantemente terapêuticos e higiênicos do espaço litorâneo, bem como as formas de sociabilidade que lhes eram correspondentes, perdiam força, sem que aqueles fossem, no entanto, jamais, abandonados. Cediam terreno para a exploração de atividades esportivas, lúdicas e recreativas, para horas de descanso e repouso e para curtos espetáculos feitos de exposições pessoais. Essas práticas engendraram novas formas de convivência social e percepção do ambiente social das praias. O primado da talassoterapia cedia lugar para a supremacia daquilo que, finalmente, recebeu o nome de lazer, mas que, à época, ainda não era comumente designado como tal.

As casas de banho é que foram as indutoras dessa mudança, sendo elas também responsáveis pela efetiva balnearização das praias, muito antes do quadro acima descrito por Freyre. Apesar do malogro da primeira delas, as que se constituíram em Olinda e nos arrecifes de corais do Recife, entre 1880 e 1924, ajudaram a lançar um novo olhar para o mar, para os banhos salgados e para a vida ao ar livre. Localizada nas proximidades da antiga Ponte Giratória, a Casa de Banhos dos arrecifes foi construída por Carlos José de Medeiros, constituindo-se depois em um lugar de forte visitação. Segundo Arlego (1987), “transitava nela a melhor sociedade da época”, que para lá se dirigia para tomar banhos salgados e para diferentes festividades e bailes carnavalescos. Olinda, que desde o início do século XIX passava por um período de forte ostracismo econômico, passou a ter suas praias visitadas depois da construção da Casa de Banho do Carmo, conforme destacou Araújo (2007a). A partir de então, as praias das duas cidades passaram a ser vistas de forma cada vez mais positiva, e suas riquezas naturais como algo que as qualificavam social e economicamente. Não tardou o desenvolvimento do hábito dos banhos recreativos, sendo eles realizados pelos “passadistas” ou “veranistas” (figuras 2 e 3).

**Figura 2**

BANHISTAS EM OLINDA NOS ANOS 1910; FOTOGRAFIA: H. MARTINS



Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda, reproduzido pelo portal “Por Aqui” Disponível em: <https://poraqui.com/olinda/banhos-medicinais-nas-praias-de-olinda-antigamente-era-assim/>; Acesso em: 20 de nov. de 2019.

**Figura 3**

VERANISTAS NA PRAIA DE BOA VIAGEM, EM 1946; FOTOGRAFIA: ALEXANDRE BERZIN



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

Os trajes utilizados para os banhos salgados no final dos oitocentos passaram a ser considerados fora de moda já no início do século XX. A partir deste momento, por meio de argumentos ainda higiênicos, moças e rapazes passaram a fazer uso de novos trajes, muito mais cômodos e despojados, deixando partes do corpo à mostra para que pudessem se aproveitar dos benefícios dos raios solares. O corpo torneado e corado passou a ser visto como sinônimo de saúde, e sua exposição, um signo de beleza estética, de modernidade e, por fim, de classe (ARAÚJO, 2013).

No início do século XX, as praias do Recife ainda eram lugares calmos e desabitados, embora sua frequência viesse aumentando ano após ano. Nesse período, segundo Araújo (2007b), as novas formas de vivenciar a beira-mar ficavam ainda mais generalizadas e visíveis, seja pela rápida mudança nos comportamentos sociais, nas modas e nos conceitos de elegância, ou nas facilidades infraestruturais implementadas para o usufruto

do ambiente praiano. As casas de banho haviam possibilitado a balnearização, mas só representaram o pontapé inicial do vertiginoso processo de valorização do espaço que viria a se consolidar a partir da década de 1920.

Nada foi mais determinante para a ocupação e valorização das praias que a construção da linha férrea de carros sobre trilhos para transporte de passageiros e cargas ao longo das praias ao Sul, desde a antiga Ilha do Nogueira até a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, entre 1924 e 1926. A polêmica obra da Avenida Beira-mar (figura 4) era só mais uma do conjunto de obras destinadas à modernização e à expansão urbana da cidade durante a década de 1920 (MOREIRA; SARAIVA, 2018), sendo responsável pela ulterior expansão da cidade para Sul, ao longo do setor oceânico. Somente depois disso, as praias do Recife lograram constituir mais uma importante porção da cidade, e seus arredores transformados em bairros.

**Figura 4**

AVENIDA BEIRA-MAR, NA DÉCADA DE 1940; FOTOGRAFIA: JOSÉ CESIO RIGUEIRA COSTA



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

Envolvendo vultosos recursos, essa obra ensejou comentários desfavoráveis por parte da opinião pública, muitos dos quais rebatidos por parte da imprensa institucional, conforme se pode verificar nos trechos a seguir extraídos de uma revista popular do período:

Ninguém ignora o que eram aquelas praias insípidas e despovoadas do Pina e Boa Viagem. Seu terreno arenoso e cheio de amfractuosidades fazia deserer da possibilidade de adaptá-lo a uma avenida [...] Tudo, entretanto, foi desprezado. Era preciso aproveitar aquele aspecto encantador para o nosso embelezamento estético. E o governo, sem esquecer os moldes de absoluta economia a que se tem adstrito, lançou mãos à obra cuja conclusão não está longe. Faz gosto vêr-se a modificação surpreendente que ali se opera [...] Ao centro, enguem-se, elegantes e majestosos, os postes da “Tramways”. Construídos em cimento armado, o que é uma inovação digna de registro pela diminuição do dispendio e, sobretudo, porque, assim, resistirão às salitrosas virações marinhas, acompanham o curso da avenida, desde a ligação da ponte do Pina, ao termino da grande arteria litoranea [...] A ansia de edificar aproveitando o aprasível aspecto, augmenta, dia a dia, entre os particulares. Existem já, a margem da Avenida, materiais destinados à construção de palacetes [sic] (Trecho de matéria anônima publicada pela Revista de Pernambuco em agosto de 1924).

A Revista de Pernambuco constituía uma espécie de veículo de propaganda do governo do estado e, durante o período de realização da obra da Avenida Beira-Mar, publicou inúmeras matérias que visavam a enaltecê-la (REZENDE, 1997; MOREIRA; SARAIVA, 2018). Apesar da polêmica, a construção da avenida se deu em curto período de tempo e ajudou sobremaneira ao processo de valorização do lugar. A partir de então, além das riquezas naturais, e da presença de equipamentos para usufruto balneário, as praias da cidade passaram a contar com infraestruturas que ajudaram a consolidar a vilegiatura. Para tanto concorreu também a ligação direta com o centro da cidade por meio das antigas Ponte do Saneamento (atual Ponte do Pina) e Avenida da Ligação (atual Antônio de Goes) (figura 5). Outro fator para isso foi a materialização dos planos de melhoria do esgotamento e abastecimento de água e dos postos de observação e salvamento.

A partir de 1930, proliferaram as casas de veraneio, alguma das quais não se podia recomendar pelo bom gosto, conforme caracterizou Freyre (2007). Neste primeiro momento correspondiam a palacetes ecléticos e chalés, todos construídos para o usufruto sazonal das elites locais (figura 6). Algumas dessas casas se tornaram símbolos do lugar, tal como a famosa casa-navio (figura 7), construída na década de 1940 pelo empresário e político Ademar da Costa Carvalho. Segundo Arlego (1987), a casa-navio remontava os passadiços do transatlântico “Queen Elizabeth” e era inspirada em uma similar da Itália, localizada no Lago di Como.

**Figura 5**

VISTA AÉREA DO BAIRRO DO PINA COM A AVENIDA LIGAÇÃO E A IGREJA MATRIZ DO PINA AO FUNDO; FOTOGRAFIA: AUTOR DESCONHECIDO



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

**Figura 6**

AVENIDA BEIRA-MAR E SEUS PALACETES; FOTOGRAFIA: ALEXANDRE BERZIN



Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife.

**Figura 7**

ANTIGO PALACETE LOCALIZADO NA AV. BEIRA-MAR E CONHECIDO POR CASA-NAVIO, NA DÉCADA DE 1950; FOTOGRAFIA: AUTOR DESCONHECIDO



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=440885&view=detalhes>; Acesso em: 18 de nov. de 2019.

A década de 1940 é marcada pela abertura de loteamentos, a ocupação de áreas mais interiores e a abertura de importantes vias paralelas à Avenida Beira-Mar. A atual zona Sul se integrava ainda mais à cidade por meio da construção do novo aeroporto entre os bairros da Imbiribeira e do Ibura. Um novo e importante setor da cidade surgia. A partir da década de 1950, as casas de veraneio ao longo das praias de Boa Viagem e Pina foram rapidamente substituídas por prédios modernos, atribuindo às praias o aspecto avançado e inovador cultuado até os dias atuais. Os edifícios Califórnia (1953), Acaiaca (1957) e Holiday (1957) (figura 8) foram os primeiros de uma série de construções onde se celebravam alguns dos principais partidos da arquitetura moderna. A oferta hoteleira cresceu enormemente, suplantando aos poucos a oferta da área central (SILVA, 2007). A partir de então, o ambiente paradisíaco e balneário da praia foi dando lugar a bairros residenciais cada vez mais consolidados, com ampla oferta de serviços, chegando a constituir mais uma centralidade urbana.

### Figura 8

FOTOGRAFIA AÉREA DE TRECHO DA PRAIA DE BOA VIAGEM DURANTE A DÉCADA DE 1960 COM O EDIFÍCIO HOLIDAY AO FUNDO; FOTOGRAFIA: AUTOR DESCONHECIDO



Fonte: Reproduzido das redes sociais/Portal de notícias G1; Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/03/21/da-inovacao-a-degradacao-holiday-representa-marco-arquitetonico-e-social-para-o-recife.ghtml>; Acesso em: 11 de mai. de 2019.

Um novo ciclo de valorização passou a se estabelecer a partir da segunda metade do século XX, mediante intensificação de estratégias especulativas que encareceram as ofertas habitacionais, transformando-as em mercadorias para poucos. Ao mesmo tempo, o aumento da área construída fez surgir problemas de infraestrutura urbana (BARTHEL, 1989). Desde então, todo o setor oceânico passou a constituir um vetor de crescimento urbano e metropolização, que foi acompanhando as praias, espalhando-se para outros municípios e resultando em uma única mancha urbana conurbada e litorânea.

## 5. Considerações finais

A segunda metade do século XIX viu surgir no Recife os banhos salgados de mar, em substituição aos banhos de rio. Estes primeiros consistem em um hábito social que aportou nas cidades brasileiras desde o início do

século, mediante orientações elaboradas pelos conhecimentos médicos da época. A resistência das elites recifenses pela incorporação de mais esse hábito foi inicialmente desafiada pela chamada “Banca de Banhos”, mas só foi vencida depois das recomendações elaboradas pelas autoridades de saúde locais, especialmente pela Sociedade de Medicina de Pernambuco. A popularização de saberes relacionados às hidroterapias através de publicações como o Dicionário de Medicina Popular de Chernoviz tornou a visitação às praias ainda maior.

As casas de banho surgidas nos finais dos oitocentos, e que funcionaram até o início dos novecentos, contribuíram para o usufruto balneário das praias nas cidades de Olinda e Recife. A partir delas, uma nova sociabilidade passou a se constituir ao redor das praias. Novos valores de cuidado com o corpo, as modas e o gosto pela vida ao ar livre ajudaram a lançar um novo olhar sobre as praias. Sua balnearização serviu como estopim para um profundo processo de valorização do espaço que só viria acontecer a partir da década de 1920 com a construção de algumas infraestruturas. No caso do Recife, a construção da Avenida Beira-Mar em uma região pouco habitada da cidade preparou o terreno para um processo de apropriação, valorização e consumo desiguais do espaço, anexando uma nova porção da cidade que, mais tarde, viria a constituir uma nova centralidade urbana.

Pelas transformações que apresenta, o período acima descrito, entre a segunda metade dos oitocentos e a primeira metade dos novecentos, constitui de fato um período denso para o processo de produção do espaço praiano do Recife. Não se pode dizer, contudo, que se trata de um período denso para toda a cidade, apesar dos acontecimentos nele inscritos terem preparado o terreno para a paulatina incorporação do que atualmente se conhece por zona Sul. Outras transformações, aglutinadas em outros intervalos de tempo, foram mais importantes para o conjunto da cidade, e sobre elas novos estudos devem ser realizados.

## Notas

<sup>1</sup> O objetivo do uso do dicionário Houaiss foi o de apresentar o significado das palavras em seus usos sociais. Mas logo em seguida apresento os seus significados a partir da Geografia, especialmente da Geografia física, com o tradicional dicionário geológico-geomorfológico de Antônio José Teixeira Guerra.

## Referências

ANNAES da Medicina Pernambucana, ano 1, número II, 1843. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/819166/per819166\\_1842\\_00002.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/819166/per819166_1842_00002.pdf). Acesso em: 20 de outubro de 2019.

ARAÚJO, R. C. B. **As praias e os dias**: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007a.

\_\_\_\_\_. A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol. **CLIO: Série História do Nordeste** (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007b.

\_\_\_\_\_. A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940. In: **Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**, p. 1-8, 2013.

ARLEGO, E. **Recife de ontem e de hoje**. Recife: Edições edificantes, 1987.

BARTHEL, S. G. A. **Sociedade de classes, espaço urbano diversificado**: a faixa de praia do Recife. 1989. 214 f. Dissertação (Mestrado em Economia e Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

BERNARDES, D. **Recife, o caranguejo e o viaduto**. Recife: Editora UFPE, 1996.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Dicionário de medicina popular**. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

CHRYSOSTOMO, M. I. J. Uma Copacabana perdida nos confins suburbanos? A ideia de balnearização do bairro de Ramos/RJ (anos 1920-1940). **Confins**, Paris, v. 39, p. 35-55, 2019.

CORBIN, A. **Território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DANTAS, E. W. C. O Mar e o Marítimo nos Trópicos. **GEOUSP Espaço e Tempo**, n. 15, p. 63-76, 2004.

\_\_\_\_\_. **Maritimidade nos trópicos**: por uma geografia do litoral. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. 16. ed. São Paulo: Global, 2006

\_\_\_\_\_. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5. ed. São Paulo: Global, 2007.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993

GUIMARÃES, M. R. C. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-14, 2005.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S; FRANCO, F. M. M. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

HUERTA, A. Entre deux eaux: courants thérapeutiques franco-brésiliens dans le processus de balnéarisation de Rio de Janeiro. **Confins**, Paris, v. 39, 2019.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MELLO, E. C. Canoas do Recife. In: SOUTO MAIOR, M; SILVA, L. D (Org.). **O Recife: quatro séculos de sua paisagem**. Recife: Massangana, 1992. p. 193-225.

MORAES, A. C. R. **Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma Geografia do litoral brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, F. D; SARAIVA, K. Dos subúrbios coloridos aos horizontes molhados: a expansão urbana do Recife nos anos 1920. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 15., Rio de Janeiro, 2018. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. p. 1-19.

PARAHYM, O. **Traços do Recife: ontem e hoje**. Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

REVISTA DE PERNAMBUCO. **A Avenida Beira-mar**, ano 1, n. 11, 1924.

REZENDE, A. P. **O Recife: histórias de uma cidade**. 2. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.

\_\_\_\_\_. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Fundarpe, 1997.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SANTOS, O. A. A. Principais características do processo de fragmentação do espaço na cidade do Recife. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 18., Natal, 2019. **Anais...** Natal: ANPUR, 2019. p. 01-17.

SILVA, A. M. P. **O processo de reorganização espacial da hotelaria do Recife: concentração em Boa Viagem e marginalização da área central**. 2007. 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

VASCONCELOS, P. A. Questões metodológicas na Geografia urbana histórica. In: VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. de M. e (Org.). **Novos estudos de Geografia urbana brasileira**. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 191-201.

Recebido em: 26/12/2019

Aceito em: 11/02/2020